

O Postulado de Parmênides enquanto Contraditório da Física e Ponto de Partida da Metafísica de Aristóteles

De um modo geral, o conceito de φύσις na literatura filosófica Pré-Socrática expressa um princípio de movimento através do qual tudo o que existe é gerado e se corrompe (ou seja, nasce, cresce e morre). A doutrina de Parmênides, no entanto, tal como é relatada pela tradição, aboliu este princípio, e conseqüentemente provocou um sério conflito no debate filosófico posterior. Foi Aristóteles, com efeito, quem melhor reconstituiu esse aspecto de sua doutrina, mas dentro de um contexto crítico. Sexto Empírico, a partir de Aristóteles, fez este sugestivo comentário:

Os discípulos de Parmênides e de Melisso negaram a existência do movimento. Aristóteles os qualificou de *imobilistas* e de *antifísicos*: "imobilistas" vem de imobilidade, e, "antifísicos", porque a *natureza* (φύσις) é o princípio do movimento, e quem pretende, como eles, que nada se move, acaba por abolir a própria natureza.²

Também Platão se ocupou do problema, mas não de um modo crítico como Aristóteles, porque, por um caminho distinto, ele alcançou o mesmo resultado que Parmênides.³

Examinando a reconstituição crítica de Aristóteles do postulado funda-

1 Professor de História da Filosofia Antiga da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria.

2 Sextus Empiricus, *Contre les mathématiciens*, X, 46; *Parménide*, A XXVI. Cf. *Bibliografia*, edição francesa estabelecida por Jean-Paul Dumont.

3 "Só como imóvel, de fato, é que o Todo deveria chamar-se... os que imobilizam o todo parecem ter propósitos mais verdadeiros, e então nos acolheremos sob seu amparo, a fim de nos livrarmos dos que movimentam até o imóvel" (Platão, *Teeteto*, 180e, 181a).

mental de Parmênides sobre a *natureza* —o da *imobilidade*— parece necessário distinguir dois modos seguramente distintos quanto ao enfoque de sua argumentação: a) pelo ponto de vista da *Física*, e, b) pelo ponto de vista do discurso *metafísico*.

A sua crítica, no entanto, quer do ponto de vista da *Física* como da *Metafísica*, é prioritariamente resolutive, e não se detém exclusivamente na explicação de Parmênides sobre a *natureza*, pois é expressão de um contexto bem mais complexo. O próprio comentário de Sexto Empírico denuncia que a sua crítica não se dirige só a Parmênides, mas a Parmênides e a seus discípulos, onde também inclui Melisso e seus discípulos. Ele distingue um do outro, mas também os identifica, e, portanto, inclui Melisso como um “eleata”, orientando a sua crítica para uma vertente da tradição filosófica.

Além disso, a sua crítica expressa igualmente o debate filosófico de seu tempo, num período em que a doutrina de Parmênides, difundida por discípulos e admiradores, gozava de muito prestígio em Atenas. A suposta ida de Parmênides a Atenas, tal como relata Platão no *Parmênides*, denuncia este seu prestígio; a fala de Zenão perante Sócrates —“o objetivo de minha obra consiste em defender as teses de Parmênides contra aqueles que a ridicularizam”⁴— não só manifesta um ambiente de debates, mas também de malentendidos. Afinal, Atenas já era o centro da Cultura, e tudo indica que Parmênides estivera lá, juntamente com Zenão, para defender as suas teses. Conseguiu? Parece que não. Provavelmente ativou as disputas, mas também consolidou a sua influência. O fato, por exemplo, de Aristóteles denominar esses discípulos, como diz Sexto Empírico, de *antifísicos*, ou de dizer (como veremos) que eles não falavam “a linguagem da física” demonstra, por sua vez, que a crítica de Aristóteles é expressão de um contexto filosófico de certo modo já consolidado e também de alguns descompassos: primeiro, entre Parmênides e seus discípulos, que reformularam inevitavelmente a doutrina do mestre, intensificando-lhe as contradições (dentre eles, Górgias, cujas teses do seu *Tratado do Não-Ser* repetem e transformam escandalosamente alguns aspectos da doutrina de Parmênides);⁵ segundo, entre platônicos (adeptos da doutrina eleata) e

4 Platão, *Parmênides*, 128d.

5 Veja neste sentido, Sexto Empírico, *Contra os Matemáticos*, VII, 65-87, mas principalmente o trabalho recente, publicado pelo Centro de Pesquisa Filosófica da Universidade de Lille III, da professora Barbara Cassin, *Si Parménide. Le traité anonyme De Melisso Xenophane Gorgias*. Edi-

aristotélicos, que nem sempre falavam a mesma linguagem; terceiro, entre a doutrina de Parmênides, que instituiu na Filosofia da Natureza um modo diferente de enfocar os seus problemas, e a doutrina tradicional da Natureza, para cujo ponto de partida empírico, o princípio da imobilidade defendido por Parmênides era um equívoco. Além desses “descompassos”, há também o que poderíamos denominar de oposição convergente (de Aristóteles em relação a Parmênides) na intensificação da mentalidade *metafísica* (da qual Aristóteles é o ponto culminante): tanto na explicitação da ἀρχή, enquanto fundamento cognoscitivo do nexu causal do processo da geração, quanto da própria φύσις, como conteúdo (ontológico) generante, subjacente a este mesmo processo.

Assimilada de vários modos, manipulada por diferentes pontos de vista, a doutrina de Parmênides exerceu uma grande influência na filosofia posterior. Platão e Aristóteles deram-lhe um especial relevo em suas obras. Aristóteles, na *Física*, se serve do postulado fundamental de sua doutrina como ponto de partida de seu discurso sobre a própria *Física*. Ele parte da seguinte premissa: “É necessário que haja um ou vários princípios, se há um, deve ser ou imóvel, como dizem Parmênides e Melisso, ou em movimento, como dizem os físicos...”.⁶ A primeira vista parece que ele busca em Parmênides uma via de investigação, mas na verdade está formulando (enquanto método) um contraditório.

Ao investigar certos fundamentos teóricos da ciência da Natureza, Aristóteles contrapõe, logo de início, duas falas e dois princípios: o da imobilidade e o do movimento. Se ambos se contradizem, um é falso, ou então, neste caso, Parmênides e os Físicos não estão falando a mesma linguagem:

Todos os dois, Melisso e Parmênides, não elaboram que raciocínios erísticos

tion critique et commentaire, Lille, Presses Universitaires, 1980, p.429-565, onde tende a mostrar como a sofística de Górgias é solidária da filosofia de Parmênides. Textualmente: “A leur tour, les thèses scandaleuses de Gorgias rapportées dans le traité —“rien n’est; si c’est, c’est inconnaissable; si c’est et si c’est connaissable, c’est incommunicable”— sont toujours apparues comme se référant manifestement à la pensée de Parménide pour y contredire. La chaîne théorique irait donc de Parménide à Gorgias” (p.30). “C’est est que le Poème de Parménide est à l’intérieur du *Traité du non-être...*” (p.534).

6 Aristóteles, *Física*, I, 2, 184b 15 (Nos servimos da tradução de Henri Carteron, *Aristote. Physique*, texto bilingüe, francês-grego, Paris, Les Belles Lettres, 1952; cotejada com a de Francisco de Samaranch, *Aristoteles. Obras*, Madrid, Aguilar, 1964, p.567ss..)

<ou seja, argumentos de pura discussão>, pois as suas premissas são falsas e os seus silogismos ruins. O de Melisso, sobretudo, é grosseiro... Basta que alguém admita uma premissa absurda, para que o resto siga igualmente.⁷

Aristóteles constata, por um lado, que a premissa da *imobilidade* é falsa, e por isso se vê na obrigação de combatê-la: “assim como o geômetra não pode calar-se diante de quem derruba os seus princípios (...), o mesmo ocorre com quem estuda os princípios físicos...”,⁸ por outro, admite também, que eles não estão falando a mesma linguagem: “Quanto ao exame que se refere à unidade e à imobilidade, não é uma questão que diz respeito à Física...”.⁹ Enfim, eles “se afastaram tanto no estudo da geração e da corrupção, e, em geral, da mudança, que bastaria ter observado a natureza para dissipar o próprio engano”.¹⁰

Aristóteles se mostra convencido de duas coisas: a) que Parmênides, pelo ponto de vista do discurso *físico*, desconsiderou o postulado fundamental da Física; b) que a sua premissa —“o ser é um, não-gerado e imóvel”—, não só é insuficiente, como inconveniente. Insuficiente, porque a Física não requer apenas um, mas vários princípios ou condições de sua exequibilidade (as quatro causas: material, formal, eficiente e final); inconveniente, porque, se existe um único princípio, uma ἀρχή imóvel e isolada (em sentido absoluto), tal princípio negaria o processo de geração ou mudança (o postulado fundamental da Física), e portanto, este princípio não é válido. Mas há, todavia, uma terceira, pois ele suspeita; c) que o princípio de Parmênides, porquanto não diga respeito à Física, é, no entanto, “assunto de uma outra ciência ou de uma ciência comum à todas as outras”.¹¹ No *Tratado do Céu* (intimamente relacionado à Física) ele também manifesta de modo bem claro esta sua suspeita, ao mesmo tempo em que sintetiza o seu próprio ponto de vista:

Alguns aboliram completamente a geração e a corrupção, pois eles afirmam que nenhum existente é gerado e se corrompe, e que isto, para nós, é somente

7 Aristóteles, *Física*, I, 3, 186a 6-7; *idem*, 2, 185a 6-11. O esclarecimento entre parênteses foi acrescentado à frase, mas consta no entanto no mesmo contexto de 185a 6-11.

8 Aristóteles, *Física*, I, 2, 185a 1-3.

9 Aristóteles, *Física*, I, 2, 184b 26-27.

10 Aristóteles, *Física*, I, 8, 181b 33-34.

11 Aristóteles, *Física*, I, 2, 185a 2.

uma aparência. Esta é a doutrina de Melisso e de Parmênides; ora, mesmo que, de certo modo, ela se apresenta muito interessante, não poderia ser considerada como falando a linguagem da Física. Pois se certos existentes não são gerados, e perfeitamente imóveis, neste caso seria necessário uma disciplina diferente e primeira em relação à Física.¹²

Aristóteles, em certos aspectos, é severo com Parmênides: a) pela sua falta de rigor lógico-demonstrativo: ele não elabora que “raciocínios erísticos”, “as suas premissas são falsas e os seus silogismos ruins”; b) pelo seu desprezo pela percepção sensível: ele aboliu “completamente a geração e a corrupção”, “bastaria ter observado a natureza para dissipar o próprio engano”; c) pelo seu distanciamento, enquanto físico, do postulado da própria Física: “toda a atividade do físico se desenvolve em torno das coisas que têm em si mesmas um princípio de movimento e de repouso...”.¹³

Em outros aspectos, porém, ele não conserva a mesma severidade: a) Parmênides é menos grosseiro que Melisso; b) “é necessário julgar que Parmênides teve razão contra Melisso. Este aqui proclama o *todo* ilimitado (ἄπειρον τὸ ὅλον), aquele lá o diz *limitado*...”;¹⁴ c) Parmênides não fala a

12 Aristóteles, *Tratado do Céu*, III, 1, 298b 14.

13 Aristóteles, *Metafísica*, XI, 1, 1059b 17 (Nos servimos da tradução de Jean Tricot, Paris, Vrin, 1970, bem como da de Valentín García Yebra, edição trilingüe, Madrid, Gredos, 1982.)

14 Aristóteles, *Física*, III, 6, 207a 15. Quanto a este item (b), entretanto, e na medida em que Aristóteles interpreta o *limitado* enquanto completo e perfeito, ou acabado e inteiro, há dois modos dele conceber o problema: 1º) Por um lado, ele parece concordar com Parmênides dizendo: “Aquilo que não tem mais nada além é acabado e inteiro (τέλειον καὶ ὅλον). Pois definimos o inteiro (τὸ ὅλον) como aquilo do qual nada lhe falta; por exemplo, o homem é um inteiro.... Ora, inteiro e acabado são absolutamente da mesma natureza ou quase igual. Mas nada é acabado (τέλειον) se não for terminado (τέλος); pois o término é o limite (τὸ δὲ τέλος πέρας). E por isso é necessário julgar que Parmênides teve razão contra Melisso...”. (Aristóteles, *Física*, III, 6, 207a 9-16). Neste sentido ele interpreta o dito de Parmênides (frag. 8,4: οὐλον μουνογενές τε καὶ ἀτρεμές οὐδ’ ἀτέλεστον — *todo inteiro, inabalável e sem fim*) nos termos da *causa eficiente* e da *causa final*, onde, *acabado*, nos termos da φύσις ou do princípio de movimento, é o que chegou a um fim; chegar a um fim, é alcançar aquilo que se deve ser e não outra coisa, e, portanto, a determinação completa e perfeita do princípio de sua gênese; 2º) Por outro lado, há discordância, na medida em que aquele dito de Parmênides acrescido deste (frag. 8, 5-6: νῦν ἔστιν ὁμοῦ πᾶν, ἔν, συνεχές — *todo presente, um, contínuo*) leva Aristóteles a questionar o *um* (τὸ ἓν) de que fala Parmênides: “dado que o *um* tem várias acepções, é necessário examinar como eles <Parmênides e os eleatas> puderam dizer que o *todo* é *um*. Ora, o *um* se diz seja do contínuo, seja do indivisível, seja do que possui um mesmo enunciado e uma essência única.... Se é o contínuo, o *um* será múltiplo; pois o contínuo é divisível ao infinito. Aqui temos uma dificuldade (ἀπορίαν) que diz respeito ao sujeito da parte e do todo; pode ser que ela não se reporte ao contínuo como tal, mas é necessário

linguagem da Física, mas a sua doutrina “se apresenta muito interessante”, porque aborda uma questão “diferente e primeira em relação à Física”....

Aristóteles, portanto, parece ter duas medidas em relação a Parmênides: uma, quanto à sua atividade enquanto *físico*; outra, enquanto *metafísico*, onde, por sua vez, parece distinguir, por um lado, Parmênides de seus discípulos, e portanto constata que não há uma unidade de princípios na Escola eleata; por outro, Parmênides visto isoladamente. É na *Metafísica*, aliás, que ele deixa bem clara esta distinção: “devem ser omitidos totalmente, na presente investigação, Xenófanes e Melisso, por serem demasiados rústicos. Parmênides, ao contrário, manifesta em suas palavras uma visão mais profunda”.¹⁵

Se, pelo ponto de vista da *Física*, Aristóteles se serve do postulado de Parmênides como um contraditório, na formulação de seu discurso *metafísico* ele encontra, no conjunto de sua doutrina, pontos que não só correspondem, como também facilitam a sua investigação. Sendo que é bem provável, neste sentido, que a doutrina de Parmênides (por si mesma e através da doutrina de Platão) tenha sido uma fonte inspiradora a instigá-lo na formulação de “uma disciplina diferente e primeira em relação à Física” (denominada mais tarde, pelos seus editores, a partir de Andrônico de

examiná-la em si mesma: procurar saber se o todo e a parte formam unidade ou pluralidade...” (Aristóteles, *Física*, I, 2, 185b 5-13). Esta, portanto, é a questão posta por Aristóteles, de tal modo que, ao concluir que Parmênides concebe o um como uma *unidade indivisível* (porquanto *contínuo*), contesta-o nestes termos: “Ora bem, se o um é indivisível, suprime-se quantidade e qualidade, e portanto, o ente não será nem ilimitado, como quer Melisso, e nem limitado, como quer Parmênides, pois é o limite que é indivisível, e não a coisa limitada” (Aristóteles, *Física*, I, 2, 185b 16-19). Em resumo: é evidente que Aristóteles insere os postulados de Parmênides dentro de sua própria teoria e tende a ajustá-los ao seu próprio ponto de vista. É evidente do mesmo modo, que ele interpreta o *todo inteiro* de Parmênides como sendo um *todo concreto, acabado* (empiricamente existente e por natureza constituído). Contesta-o, entretanto, na medida em que um todo é, por princípio, algo que tem várias partes que estão em potência presentes no todo. “Tomada em si mesma, a parte não se move tanto quanto integrada em um todo; porque ela não é nada a não ser em potência, no todo” (Aristóteles, *Física*, VII, 5, 250a 22-24). Ou seja, ele é um *inteiro*, mas de tal modo que as “partes” (nele potencialmente contidas, ou seja, ele pode ser dividido), é o que no existente está contido enquanto *unidade*. Nós dizemos habitualmente, por exemplo, que *temos* braços, pernas, olhos, etc., mas entretanto o que *temos* é a justa medida do todo que somos (*). Eis como Aristóteles define este termo: “ter se diz daquilo no que algo está como em um receptáculo.... Em outro sentido, como o continente tem o que nele está contido...” (Aristóteles, *Metafísica*, V, 23, 1023a 11-14). (*) Em 1986 escrevemos neste sentido um artigo mas sem nos darmos conta dessas observações de Aristóteles (“Conflitos Antropológicos”, em *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, XLII-3-4-1986, p.386-392).

15 Aristóteles, *Metafísica*, I, 5, 986b 26-28.

Rhodes,¹⁶ de *Metafísica*). Nela não encontramos, todavia, um estudo crítico, histórico e sistemático, da doutrina de Parmênides. Aliás, nenhum dos escritos de Aristóteles obedece a uma tal perspectiva de análise como tentativa de compreender historicamente, e no seu conjunto, a filosofia de seus predecessores. O seu retorno aos antigos não é movido por uma preocupação de reconstituir a gênese histórica de determinadas questões ou de informar a seus ouvintes a origem de suas preocupações filosóficas. Quando ele cita ou dá a conhecer as opiniões dos antigos (neste caso, as de Parmênides), assim o faz, movido pelo propósito ou de reforçar a sua tese (a serviço do desenvolvimento de seu próprio raciocínio), ou de estabelecer um contraditório a fim de realçar o seu próprio ponto de vista.

Na *Física*, com efeito, encontram-se salientes não só um, mas os dois propósitos. Ou seja, há efetivamente, e como vimos, a formulação de um contraditório, mas expressa do mesmo modo a sua convicção de que o postulado de Parmênides —“o princípio é um e imóvel”— representa de fato uma outra via de investigação. Neste sentido o princípio não é falso, mas verdadeiro, pois se identifica com uma outra área de investigação, a da *Filosofia primeira* (πρώτη φιλοσοφία), que, a rigor, não pertence à *Física*, mas lhe está intimamente relacionada; por isso ela é ciência primeira (πρώτη ἐπιστήμη), quer em relação à *Física* como em razão dos princípios que defende.

Efetivamente a *Metafísica* de Aristóteles não contém um estudo sistemático da doutrina de Parmênides e, nem tampouco, de qualquer outro filósofo pré-socrático, seja individualmente ou de todos em conjunto. Entretanto ela oferece, sempre reportando-se a eles, a mais clara postulação do problema *metafísico* na antigüidade. Os quatorze livros que a compõem também não representam, no seu todo, uma exposição sistemática da compreensão que o próprio Aristóteles teve da questão. Afinal, ele não escreveu nenhum tratado de metafísica e não abordou sistematicamente o

16 Segundo a tradição, o termo *Metafísica* é meramente ocasional, resultado de uma colagem (μετά + φυσικά): Andrônico de Rhodes (séc. I a.C.), ao ordenar as obras de Aristóteles, agrupou depois dos livros de *filosofia natural* (τὰ φυσικά) os de *filosofia primeira* (sobre o ser em geral e sobre o ser absoluto) sob o título τὰ μετὰ τὰ φυσικά, cujo termo μετά, em referência aos livros da *Física*, indica comunidade, relação ou participação. Mais tarde o significado doutrinário da “*Filosofia primeira*” é substituído pelo significado literal do título, de tal modo que μετά passa a indicar uma *transcendência especulativa* e não mais uma mera sucessão material de escritos. Na Idade Média, a expressão τὰ μετὰ τὰ φυσικά foi traduzida com o termo *metafísica* ou *transfísica*.

problema. Por isso, uma análise mais ampla, que visasse semelhante objetivo, requereria um envolvimento não só com o seu livro da *Metafísica*, mas com o conjunto de sua obra. Trata-se, no entanto, de uma empreitada muito difícil, e por vários motivos: um, por exemplo, porque o seu discurso metafísico se constrói em referência a vários autores e pontos de vista da filosofia anterior, além de se compor constantemente com a doutrina de Platão, fazendo com que a sua filosofia (na defesa de seu próprio ponto de vista) resultasse em uma espécie de síntese resolutive; outro, deve-se principalmente a questões de linguagem (e pensamos, aqui, no compromisso da filosofia grega com a palavra), onde os próprios filósofos gregos já não se entendiam no manuseio de determinados termos, cujos significados variavam de filósofo a filósofo, sendo que um mesmo autor, no contexto de sua doutrina, atribuía por vezes a um mesmo termo combinações ou matices diferentes, segundo o ponto de vista atual e também evolutivo de sua investigação (e, por que não?, de seu exercício professoral)....

Mas eis como ele repõe a questão na *Metafísica*:

“A Física é uma ciência que versa sobre um certo gênero de ente determinado (a saber, de um certo tipo de substância que possui em si mesma o princípio de movimento e de repouso)...”.¹⁷ “Existem três classes de substâncias. Uma é sensível, que se divide em eterna e corruptível. A corruptível é admitida por todos, e engloba, por exemplo, as plantas e os animais; a eterna, sobre ela é necessário inquirir se os seus elementos são um ou múltiplos. A terceira é imóvel...”.¹⁸ “As substâncias, com efeito, são os entes primeiros, e se todas fossem corruptíveis, todas as coisas seriam corruptíveis”.¹⁹ “Pois como haverá ordem, se não existe algo eterno, separado e permanente?”²⁰ “Se nada há de eterno, tão pouco é possível que haja geração. É necessário, com efeito, que haja algo que é gerado, e algo do qual se gera, e que a última dessas coisas seja ingênita, se é que a série se detém, sendo que é impossível que algo se gere do Não-ente”.²¹ “Mas se existe algo eterno, imóvel e separado, é evidente que seu conhecimento pertence a uma ciência teórica. Esta ciência, porém, não é nem a Física (pois ela trata de certos entes mó-

17 Aristóteles, *Metafísica*, VI, I, 1025b 18-21.

18 Aristóteles, *Metafísica*, XII, 1, 1069a 30-36.

19 Aristóteles, *Metafísica*, XII, 6, 1071b 5-6.

20 Aristóteles, *Metafísica*, XI, 2, 1060a 26.

21 Aristóteles, *Metafísica*, III, 1, 999b 5-9.

veis), e nem a Matemática, mas uma ciência anterior a ambas. A Física, todavia, estuda os entes separados, mas não imóveis... enquanto que a Ciência primeira tem por objeto os entes ao mesmo tempo separados e imóveis”.²²

“Mas dado que distinguímos três classes de substâncias, duas naturais e uma imóvel, é preciso dizer sobre esta última que deve haver uma substância eterna e imóvel”.²³ “As duas primeiras pertencem ao domínio da Física (pois implicam o movimento), porém a terceira corresponde a uma outra ciência...”.²⁴

Esta, portanto, é a questão: “se não há nenhuma outra substância fora daquelas constituídas pela natureza, a Física seria a Ciência primeira. Mas se existe uma substância imóvel, a ciência desta substância será anterior, e será Filosofia primeira. E caberá a ela teorizar o ente enquanto ente (ὄντος ἢ ὄν), sua essência (τί ἐστι) e os atributos que lhe são inerentes enquanto ente (ἢ ὄν)”.²⁵

Não há dúvida de que Aristóteles concorda com Parmênides em vários pontos. Mas o que queremos neste momento destacar é a sua concordância em um ponto substancial: ao instituir um princípio *uno, eterno e imóvel*, Parmênides o separou das coisas sensíveis, e Aristóteles admite que ele o fez corretamente. Pois “se não há nada fora das coisas sensíveis, não haverá princípio, nem ordem, nem geração...”.²⁶ As coisas sensíveis estão em movimento, e conseqüentemente estão submetidas à geração, mudam e se destroem: pressupõem um *não-ser*. Aristóteles constata também que “nenhum dos contrários pode ser precisamente causa eficiente ou motriz, pois é capaz de não ser”,²⁷ por conseqüência, “tem que existir algo que, sem mover-se, mova, e que seja eterno, substância e ato”.²⁸

Ora bem, este “algo” de que fala Aristóteles refere-se ao πρώτον κινούν άκίνητον = ao primeiro motor imóvel, e vem inserido em seu discurso metafísico como uma necessidade lógica: “... necessariamente existe algo que é primeiro motor...”.²⁹ Ele expressa uma άκίνητος άρχή, um princípio de

22 Aristóteles, *Metafísica*, VI, 1, 1026a 10-16.

23 Aristóteles, *Metafísica*, XII, 6, 1071b 3-5.

24 Aristóteles, *Metafísica*, XII, 1, 1069b 1-2.

25 Aristóteles, *Metafísica*, VI, 1, 1026a 27-32.

26 Aristóteles, *Metafísica*, XII, 10, 1075b 25.

27 Aristóteles, *Metafísica*, XII, 10, 1075b 25.

28 Aristóteles, *Metafísica*, XII, 7, 1072a 25.

29 “...άνάγκη εἶναι τι τὸ πρῶτον κινούν...”. (Aristóteles, *Física*, VII, 242a 19.)

imobilidade (“... o primeiro motor é, em si mesmo, imóvel...”)³⁰ e, enquanto tal, um fundamento teórico (lógico-racional-explicativo e teleológico) do processo natural da geração.

Com a sua teoria do *πρῶτον κινούν*, Aristóteles pensa não em um princípio, digamos assim, *criador*, nos moldes de um arquiteto cósmico, e, sim, em um princípio *ordenador* inerente ao cosmos. Ele não pensa, portanto, em um início temporal do movimento, como se este *primeiro motor* fosse algo que tivesse colocado em funcionamento a máquina do mundo, como um criador do movimento, e, sim, numa relação causal de movimentos, dentro da qual o *πρῶτον κινούν* é um princípio extremo.

Este é o seu argumento:

Se sempre se repete ciclicamente o mesmo, tem que subsistir eternamente algo que atue do mesmo modo. E, para que haja geração e destruição, tem que haver outra coisa que atue sempre, umas vezes de um modo e outras de outro. Terá que atuar, portanto, em certo modo por si mesma, e em certo modo, em virtude de outra coisa; por consequência, ou bem em virtude de um terceiro ou bem em virtude da primeira causa. Assim, pois, atuará necessariamente em virtude dela; pois, a seu tempo, ela será causa para o segundo e para o terceiro. Logo, é preferível admitir a primeira causa. Ela é, com efeito, segundo dissemos, causa do que sempre é o mesmo....³¹

Enquanto princípio, portanto, o *πρῶτον κινούν* é a causa primeira (no sentido de um fundamento explicativo, enquanto postulado lógico) da preservação eterna do movimento cíclico da geração inerente ao mundo e às coisas. Entretanto, ele é um princípio *divino*, e isto quer dizer que está fora do processo natural de nascimento, crescimento, realização, decadência e morte. Trata-se, no entanto, e em certo sentido, de uma aporia, pois ao mesmo tempo em que ele está inerente ao processo, e, portanto, empiricamente considerado pela observação de mudanças, não está, todavia, submetido ao processo, e portanto, só se deixa acessar mediante consideração puramente lógica (pela qual Aristóteles prescreve a necessidade de uma causa automotora). Posto que ela é a *causa primeira* do movimento, enquanto tal ela é expressão de um movente, cuja

30 “... τὸ πρῶτον κινούν ἀκίνητον εἶναι καθ’ αὐτό...”. (Aristóteles, *Metafísica*, XII, 8, 1073a 27.)

31 Aristóteles, *Metafísica*, XII, 6, 1072a 9-16.

ação de mover subsiste sempre (“o motor imóvel produzirá sempre o mesmo e único movimento e da mesma maneira, de tal modo que ele não muda em nada relativamente ao movido”)³² e cujo modo de atuar é eternamente o mesmo, visto que “se move sempre com um movimento incessante”,³³ semelhante ao movimento circular.

Metafisicamente considerado, o conceito de *Motor imóvel* se insere dentro da própria noção de φύσις na medida em que ele “é a entelêquia do móvel enquanto móvel”.³⁴ Por *entelêquia*³⁵ entenda-se um *telos*, enquanto ponto culminante, uma plenitude (nos termos da necessidade, destino, justiça ou direito) do processo biológico, dentro do qual a φύσις, o princípio interno de movimento e de crescimento, é a determinação ou realização deste ponto. A par, portanto, de seu sentido enquanto *causa eficiente*, o Motor imóvel incorpora igualmente o de *causa final*,³⁶ e, como veremos mais adiante, o de *causa formal*, por sua vez concebida não na mudança, mas na *entelêquia* do móvel, em seu ponto de realização,³⁷ afinal essa tríplice relação não poderia ser diferente, uma vez que Aristóteles resume essas três *causas* em uma só:

Dado que existem quatro causas, é necessário que o físico as conheça todas (...) a matéria, a forma (τὸ εἶδος), o motor e a causa final. É verdade que três delas se reduzem a uma em muitos casos, pois a essência (τί ἐστι) e a causa final é uma só; assim como o primeiro movente é especificamente idêntico a ambas.³⁸

Ao conceber o Motor imóvel pelo ponto de vista da causa final, Aristóteles o denomina de “τὸ τε παντελῶς ἀκίνητον καὶ τὸ πάντων

32 Aristóteles, *Física*, VIII, 6, 260a 3-5.

33 Aristóteles, *Metafísica*, XII, 7, 1072a 19-22.

34 Aristóteles, *Física*, VIII, 251a 9-10.

35 É necessário destacar que este conceito tratado na *Física* (III, 201a 9-19; VIII, 257b 6-9) não corresponde exatamente à mesma abordagem da *Metafísica* (principalmente no Livro XII), e que, entretanto, não nos ocuparemos aqui em distingui-lo.

36 “Que a causa final é uma das coisas imóveis, demonstra-o a distinção de suas acepções. Pois a causa final é para algo e de algo, dos quais um é imóvel e o outro não” (Aristóteles, *Metafísica*, XII, 7, 1072b 1-3).

37 Segundo o comentário de A. Mansion: “A prendre la matière comme le sujet porteur d’ un devenir actuel, la forme correspondante est la détermination à laquelle ce devenir doit aboutir (...). Et ainsi nous sommes ramenés de nouveau au premier sens donné à la forme. Sa notion est, en effet, reliée toujours intimement à la causalité formelle: or, celle-ci ne se conçoit pas dans le devenir, mais seulement à son terme” (*op. cit.*, p.249).

38 Aristóteles, *Física*, II, 7, 198a 24-26.

πρῶτον = o motor absolutamente imóvel e o primeiro de todos”³⁹ — onde παντελῶς (πανύ + τέλος) expressa a idéia de um todo completamente acabado, em sentido finalístico. Trata-se, portanto, de um *ser*, como um enunciado ou idéia, a partir do qual (no sentido da φύσις), as coisas são o que devem ser (em sentido finalístico de justiça e do Bem,⁴⁰ mas não em sentido fatalista), porque tendem necessariamente a alcançar a realização do princípio segundo o qual estão determinadas a ser o que devem ser e não outra coisa. Independente, todavia, deste processo de realização individual das coisas, inevitavelmente submetidas a um processo irreversível de nascimento e morte, o Cosmos é uma ordem, dotada de um princípio imanente de movimento que se realiza na eternidade do processo da geração dada na forma de um ciclo eterno.

Posto o problema nestes termos, eis como Aristóteles, finalmente, e por um ponto de vista metafísico, se refere a Parmênides:

a) “os que empreenderam, por primeiro, este caminho <o da explicação de onde procede o começo do movimento> e sustentaram que (...) tudo é um, ninguém chegou a conceber tal causa, a não ser quem sabe Parmênides”.⁴¹ Aristóteles se refere à *causa eficiente* e admite que Parmênides, ao sustentar que o princípio de toda a φύσις é um princípio de *imobilidade*, bem provavelmente postulou de modo correto a ἀρχή do movimento. Por isso o *ser* de que fala, e ao qual concede os seguintes atributos —um, imóvel, não-gerado, incorruptível, contínuo— certamente é expressão da causa motora. O curioso é que Aristóteles de certo modo também repete Parmênides: “o princípio e o primeiro dos entes é imóvel —ἀρχή καὶ τὸ πρῶτον τῶν ὄντων ἀκίνητον”.⁴² Este, aliás, é o seu argumento: “Pois é necessário que o movimento exista sempre e que não se interrompa jamais...”. “Se, portanto, o movimento é eterno, haverá igualmente um motor primeiro eterno...”; “... necessariamente o movimento deve existir sempre. Se ele existe sempre, necessariamente também é contínuo; pois aquilo que existe sempre é contínuo, enquanto que o consecutivo não é contínuo... É sobre estas razões que podemos asse-

39 Aristóteles, *Física*, II, 7, 198b 2-3.

40 A causa final “é o Bem, que se dá no domínio da ação e nos entes em movimento; e é também o primeiro movente —pois é esta a natureza do fim—; porém o primeiro motor não existe nas coisas imóveis” (Aristóteles, *Metafísica*, XI, I, 1059a 36-38).

41 Aristóteles, *Metafísica*, I, 3, 984a 30, 984b 1-3. O primeiro parêntese foi acrescentado.

42 Aristóteles, *Metafísica*, XII, 8, 1073a 23-24

gurar a existência de um primeiro imóvel...”.⁴³ Sendo que é necessário dizer que o termo “existência”, neste contexto, tem tão somente um sentido lógico, pois, “se não é assim, tudo procederá (...) do Não-ente...”.⁴⁴

b) “alguns fisiólogos (τῶν φυσιολόγων) depois de supor que o Ente (τὸ ὄν) é um (...) dizem que é imóvel. Sem dúvida há um ponto que corresponde a presente investigação. Parmênides, com efeito, parece referir-se ao Um segundo o enunciado (τὸν λόγον)...”.⁴⁵ Esta, aliás, teria sido a tese de Parmênides, segundo Élias:⁴⁶ “o ser é um do ponto de vista da forma...”.⁴⁷ Ora, *forma* (εἶδος ou μορφή)⁴⁸ em Aristóteles, tem vários significados; dentre eles ou os mais gerais: um, expressa um princípio de *determinação*⁴⁹ que, nos termos de sua filosofia da φύσις⁵⁰ e também da do

43 Respectivamente: Aristóteles, *Física*, VIII, 6, 258 10-11; VIII, 6, 259a 6-7; VIII, 6, 259a 16-21. Ingemar Düring, por sua vez, reconstruiu assim o argumento de Aristóteles: “il movimento non ha inizio né fine, ma è eterno; dell’eternità del tempo e del movimento segue che il mondo è eterno. Soltanto apparentemente il movimento degli esseri viventi è un movimento autonomo; in realtà, ogni movimento naturale è un muoversi essendo mosso dall’esterno. Ciò che muove deve essere esso stesso non mosso. La concatenazione di motore e mosso deve avere un inizio; c’è un primo principio del movimento, eterno e non mosso, e ciò che è mosso da questo principio deve essere eternamente e immutabilmente in movimento”. (Düring, Ingemar, *Aristotele*, trad. di Pierluigi Donini, Milano, Mursia, 1976, pp.376-377.)

44 Aristóteles, *Metafísica*, XII, 7, 1072a 19-22.

45 Aristóteles, *Metafísica*, I, 5, 986b 14-19.

46 Élias é um neo-platônico do século VI e um comentador de Aristóteles.

47 Élias, *Commentaire sur les Catégories d’Aristote*, 109, 6; *Zénon d’Élée*, A XV.

48 Sem que nos dediquemos aqui a especificar os termos: ora enquanto sinônimos, ora nas suas diferenças sutis, tanto na *Física* quanto na *Metafísica* e no *De Anima*.... Basta-nos aqui anotar o que diz sobre estes termos Augustin Mansion: “Les mots eux-mêmes prêtent à confusion en l’occurrence, puisque εἶδος, qui sert encore plus souvent que μορφή à désigner la forme, signifie également l’espèce, c’est-à-dire l’essence complètement déterminée. Mais il y a plus qu’une confusion de mots, il y a une réelle identification de notions. Il suffit de parcourir les diverses énumérations des quatre genres de causes, pour voir que la forme y est d’ordinaire représentée par des termes exprimant l’essence ou l’idée de la définition: τὸ τί ἦν εἶναι, οὐσία, λόγος, etc.. De même quand il est dit que la nature est forme, c’est la forme entendue comme idée, comme essence répondant à la question τί ἐστίν; —c’est-à-dire ce qui est exprimé dans la définition essentielle”. (Mansion, A., *Introduction à la Physique Aristotélicienne*, Louvain/Paris, J. Duculot, 1946, pp. 250-251.)

49 No dizer de Augustin Mansion, “la forme (εἶδος), c’est la détermination d’ordre idéal exprimée par le terme en question; la matière, c’est une réalité d’un autre ordre à laquelle cette détermination est attachée en vertu de la signification complexe du terme analysé; (...) cette détermination est donc exprimée à un état de concrétisation plus grande qu’elle ne le serait par tout autre terme que n’impliquerait pas de réalisation dans telle matière plutôt que dans telle autre; ce qui est relié de façon plus étroite à un sujet qui lui sert de support, est, en effet, plus concret que la notion qui fait abstraction de ce sujet” (*op. cit.* p. 147).

50 “... porque o natural enquanto ele está em vias de ser natural vai de um termo a outro. Para qual? Não é em direção ao ponto de partida, mas verso àquele em direção ao qual ele tende,

τέλος,⁵¹ designa aquilo pelo qual um indivíduo se define mediante um processo natural interno de crescimento e de realização; outro, expressa um princípio de inteligência, pelo qual a εἶδος/μορφή, nos termos de seu discurso sobre a substância e a essência,⁵² designam o enunciado, ou o conceito, ou a definição. Neste sentido, considerada por um ponto de vista lógico, a εἶδος/μορφή está intimamente conectada com a predicação: com o *esquema* ou os *modos* pelos quais afirmamos ou negamos alguma coisa sobre algo. Conseqüentemente, o Motor imóvel, considerado pelo ponto de vista da *causa formal*, é um no enunciado, porque ele é, digamos assim, um *eidos* ou *morphe* conceitual, ou mais propriamente, uma *essência inteligível*, na medida em que ele é o universal da predicação ou o sujeito da definição do movimento. Por exemplo: assim como Homem é o sujeito primeiro da predicação sobre os indivíduos humanos particulares, o Motor imóvel é o sujeito da predicação de todos os movimentos particulares, melhor ainda, ele é a idéia que, ao responder a questão τί ἐστίν (*o que é*), exprime a definição essencial de movimento. Por isso, em relação ao movimento em geral, o Motor imóvel é a sua essência: o que, neste contexto, equivale a dizer a sua *forma*. Na *Física*, aliás, Aristóteles denomina a forma (τὸ εἶδος) de τί ἐστι (essência),⁵³ cuja identificação o leva, inclusive, a compor com o motor, a essência e a forma um mesmo problema: “Tais são os motores não movidos como o motor absolutamente imóvel, que é o primeiro de todos, e a essência e a forma (καὶ τὸ τί ἐστι καὶ ἡ μορφή)...”.⁵⁴ Entretanto, e seguindo o nosso exemplo, distinto da essência Homem (que não existe separada dos indivíduos concretos ou de uma comunidade de indivíduos, e tão somente tem existência lógica), o Motor imóvel é também concebido, a par de sua existência em sentido lógico, como um *algo* subsistente separado, na medida em que, e em certo sentido, é independente dos movimentos particulares (observáveis). Trata-se,

ou seja, a forma; portanto, é a forma que é natureza (Ἡ ἄρα μορφή φύσις)”. (Aristóteles, *Física*, II, 1, 193b 16-18.)

51 “... sendo dupla a natureza, a matéria de um lado e a forma (μορφή) de outro, e sendo a forma fim (τέλος), ela será uma causa, a causa final”. (Aristóteles, *Física*, II, 8, 199a 30-32.)

52 “A essência, cujo enunciado é uma definição (ἐπι τὸ τί ἦν εἶναι, οὐ ὁ λόγος ὁρισμός), é também chamada substância (οὐσία) de cada coisa. Assim, pois, resulta que a substância é dita em dois sentidos: o sujeito último, que não é predicado de nenhuma outra coisa, e o que, sendo algo determinado, é também separável; como o é a forma e a espécie de cada coisa (ἡ μορφή καὶ τὸ εἶδος)”. (Aristóteles, *Metafísica*, V, 9, 1017b 21-26.)

53 Aristóteles, *Física*, II, 7, 198a 24-25.

54 Aristóteles, *Física*, II, 7, 198b 2-5.

no entanto, de um *subsistente sui generis*, pois não tem matéria, e, portanto, é *forma* pura; não está em potência, pois é todo inteiro, completo e acabado, e, portanto, é *ato* puro.

c) Aristóteles parece convencido (pelo ponto de vista de sua teoria da causa eficiente ou motora) de que Parmênides “tem um ponto em comum que corresponde à presente investigação”. Este ponto, evidentemente, refere-se a um princípio de imobilidade (por Aristóteles denominado de Motor imóvel), enquanto fundamento teórico-explicativo do que “produz o movimento primeiro, eterno e único”.⁵⁵ Ao dizer também que “Parmênides parece referir-se ao Um segundo o enunciado”, Aristóteles suspeita, inclusive, que ele o concebeu como um Universal teórico (como essência) nos moldes da *predicação* (τὰ σχήματα τῆς κατηγορίας);⁵⁶ ao acrescentar que o Um segundo o enunciado é eterno, não-gerado e imóvel, ele também formulou (mesmo que de modo incipiente e não satisfatoriamente bem argumentada), a essência primeira do movimento e, portanto, a causa “do que sempre é o mesmo”.⁵⁷ Além disso, ao defender a tese de que “o ser é um do ponto de vista da forma,” ele também o fez corretamente, visto que “a essência primeira não tem matéria, pois é uma *enteléquia*. Por conseguinte o primeiro Motor imóvel é um no enunciado (λόγω) e em número”.⁵⁸ Ele é “um no enunciado”, porque não existe concretamente, a não ser como idéia ou como essência; é “um em número”, porque só existe um, numericamente considerado; é “uma *enteléquia*” porque é sempre atual (em ato), perfeito e completo, ou seja, assim como “a alma <quanto substância formal> é a primeira *enteléquia* de um corpo natural <organizado> que possui a vida em potência”,⁵⁹ o Motor imóvel é também a *enteléquia* de um corpo (móvel) que potencialmente tem movimento.

d) Conclusão: fica patente, se não de modo explícito, pelo menos implicitamente, que há, em Aristóteles, reconhecimento quanto à veracidade do postulado de Parmênides. Melhor do que isto, há convergência entre

55 κινούν δὲ τὴν πρώτην αἰτίον καὶ μίαν κίνησιν. (Aristóteles, *Metafísica*, XII, 8, 1073a 25.)

56 Aristóteles, *Metafísica*, V, 7, 1017a 23.

57 αὐτῷ τε αἴτιον (Aristóteles, *Metafísica*, XII, 6, 1072a 15).

58 τὸ δὲ τί ἦν εἶναι οὐκ ἔχει ἕλην τὸ πρῶτον· ἐντελέχεια γάρ. ἔν ἄρα καὶ λόγω καὶ ἀριθμῷ τὸ πρῶτον κινούν ἀκίνητον ὄν (Aristóteles, *Metafísica*, XII, 8, 1074a 35-37).

59 Aristote, *De l'âme*, II, 1, 412a 27-28 — O que consta entre parênteses foi acrescentado, mas faz parte do contexto da frase: “... a alma é substância no sentido de forma (εἶδος) de um corpo natural que possui a vida em potência. Ora, a substância formal é *enteléquia*...” (412a 19-21); mais adiante: a alma “é a *enteléquia* primeira de um corpo natural organizado” (412b 5-6).

ambos. Mais precisamente, ele reconhece a existência (no sentido da existência lógica) de um princípio *imóvel, eterno, ingênito, sem magnitude e indivisível*, como termo racional explicativo do processo da geração; sendo que lhe atribui, inclusive, e tal como Parmênides, os mesmos predicados. Por isso o que se apresenta na *Física*, em função de seu princípio, como um contraditório, pode ser seguramente analisado, num segundo momento (mesmo no interior da própria *Física*, mas pelo ponto de vista orientador de seu discurso *metafísico*), como uma efetiva via de investigação.

Bibliografia Comentada

1) Fontes:

- a) De Parmênides: Tomamos como fonte, em primeira mão, a edição francesa estabelecida por Jean-Paul Dumont, com a colaboração de Daniel Delattre e de Jean-Louis Poirier, *Les Présocratiques*, Quetigny-Dijon, Gallimard, 1988. Esta edição francesa oferece a tradução dos textos reunidos por Herman Diels nos *Fragmente der Vorsokratiker*, Berlin, 1903; oferece também, na seqüência do trabalho de Diels, a quinta edição aumentada em 1934 e a sexta edição melhorada em 1951, por W. Kranz, onde o *Wortindex* foi publicado em 1952. Como fontes subsidiárias nos servimos de: a) Franz Josef Weber (Hrsg.), *Fragmente der Vorsokratiker*, Paderborn, Schöningh, 1988; b) da versão espanhola de Jesús Garcia Fernandez, (da edição inglesa de 1966) de G. S. Kirk e J. E. Raven, *Los Filósofos Présocráticos. Historia Crítica con Selección de Textos*, Madrid, Gredos, 1969; c) das traduções em língua portuguesa: de Gerd A. Bornheim, *Os Filósofos Pré-Socráticos*, São Paulo, Cultrix, 1985, e de José Cavalcante de Souza, *Os Pré-Socráticos. Fragmentos, Doxografia e Comentários*, São Paulo, Abril Cultural/Pensadores, 1985; d) outras, de Lambros Couloubaritsis, "Mythe et Philosophie chez Parménide. En Appendice Traduction du Poème", Bruxelles, Ousia, 1990; de Jose Antonio Miguez, *Parménides-Zenon-Meliso. (Escuela de Elea). Fragmentos*, Buenos Aires, Aguilar, 1962; de Juan David García Bacca, *Los Presocraticos*, México, Fondo de Cultura Económica, 1991.
- b) De Aristóteles: nos servimos da *Física* (Edição bilingüe por Henri Carteron, Paris, Les Belles Lettres, 1952); da *Metafísica* (Edición trilingüe por Valentín García Yebra, Madrid, Gredos, 1982, cotejada com a tradução de Jean Tricot, Paris, Vrin, 1970); das *Categorias* (Tradução de Jean Tricot, Paris, Vrin, 1946, cotejada com a de Mário Ferreira dos Santos, São Paulo, Matese, 1965); do *Organon. Tópicos* (Tradução de Jean Tricot, Paris, Vrin, 1950, cotejada com a de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, São Paulo, Abril Cultural/Pensadores, 1983).

2) Estudos e Comentários:

Barbara Cassin, *Si Parménide. Le traité De Melisso Xenophane Gorgias. Édition critique et commentaire*, Lille, Cahiers de Philologie V.4/Presses Universitaires, 1980; *Jacques Chevalier, *Histoire de la Pensée, 1 — La Pensée Antique*, Paris, Flammarion, 1955; *L. Couloubaritsis, "Mythe et Philosophie chez Parménide", Bruxelles, Ousia, 1990; *Theodor Gomperz, *Pensatori Greci. Storia della Filosofia Antica*, I, Firenze, La Nuova Italia, 1967; *Werner Jaeger, *La Teologia de los Primeros Filósofos Griegos*, Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1978; *Gérard Legrand, *Pour Connaitre les Présocratiques*, Paris, Bordas, 1987; *Maria Helena de Moura Neves, *A Vertente Grega da Gramática Tradicional*, São Paulo, Huitec/UnB, 1987; *Léon Robin, *La Pensée Grecque e les Origines de l'Esprit Scientifique*, Paris, Albin Michel, 1973; *Ernest Vollrath, "Aristoteles: Das Problem der Substanz", em *Grundprobleme der gossen Philosophen. Philosophie des Altertums und des Mittelalters*, Hg. Josef Speck, Göttingen, Vandenhoeck, 1972; *E. Zeller — R. Mondolfo, *La Filosofia dei Greci nel suo Sviluppo Storico*, I-II, Firenze, La Nuova Italia, 1967.

Departamento de Filosofia da PUC-Rio

Cursos, Publicações e Eventos Programados

Cursos

Cursos Regulares

Além de graduação, mestrado e doutorado, o Departamento de Filosofia da PUC-Rio oferece uma pós-graduação *lato sensu* em Filosofia Contemporânea. Com duração de dois anos, o curso é voltado para aqueles que se interessam em discutir filosoficamente temas do mundo contemporâneo. Inscrições para os programas de mestrado e doutorado no Departamento de Filosofia; para o programa de pós-graduação *lato sensu* na CCE (vide endereços abaixo).

Publicações

- Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio – [o que nos faz pensar]. Números anteriores (à exceção do n. 1, que está esgotado) disponíveis na Secretaria do Departamento de Filosofia da PUC-Rio.

A sair

- Especial sobre Ceticismo. Org. Danilo Marcondes.
- Especial sobre Nietzsche. Org. Kátia Muricy.

Outras Publicações

- *Mēnon*, de Platão, edição bilíngüe grego/português com tradução e notas da prof.^a Maura Iglésias. Primeiro volume da

coleção "Bibliotheca Antiqua", série "Grego". Publicação do Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga.

- *Cadernos de Tradução do Departamento de Filosofia da PUC-Rio*. Volume 1: *O Verbo Grego "Ser"*, Coletânea dos artigos do prof. Charles Kahn (Universidade da Pennsylvania) sobre o verbo *einai*. Coleção "Filosofia Antiga – Os Comentadores". Publicação do Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga.

Grupos Integrados

Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga

Projeto de pesquisa na área de Filosofia Antiga, financiado pelo CNPq e coordenado pela prof.^a Maura Iglésias, cujo objetivo é o estabelecimento de um centro de excelência na área. Desenvolve atualmente, além das pesquisas individuais de seus integrantes, as seguintes atividades: (a) formação de uma biblioteca especializada; (b) criação de um banco de dados bibliográficos; (c) formação de novos pesquisadores; (d) cursos de grego clássico e de latim; (e) tradução de textos primários antigos para publicação em edição bilíngüe; (f) traduções de autores secundários (comentadores e intérpretes modernos dos textos antigos).

Núcleo de Estudos sobre o Ceticismo

Coordenado pelo prof. Danilo Marcondes, conta com o apoio do CNPq sob a

forma de Projeto Integrado, tendo a participação de bolsistas de iniciação científica e de pós-graduação. O núcleo se dedica à análise e discussão de temas centrais da tradição cética antiga e moderna, bem como à leitura de textos clássicos do ceticismo, sobretudo a obra de Sexto Empírico, mantendo um seminário semanal.

Núcleo Provas, Tipos e Categorias

Projeto de Pesquisa Integrado – CNPq, coordenado pelo Prof. Edward Hermann Hauesler. O grupo reúne pesquisadores dos departamentos de Filosofia e Informática com o objetivo de investigar os conceitos lógicos de Prova, Tipo e Categoria. Além das atividades regulares de pesquisa (seminários, cursos, redação de textos, etc.), o grupo de pesquisa realiza anualmente um encontro de trabalho com a participação de pesquisadores de outras instituições.

Eventos

• VI Colóquio Brasileiro sobre o Ceticismo
Organização do Departamento de Filosofia da PUC-Rio e do IUPERJ. O evento reunirá professores e pesquisadores de diversas universidades brasileiras que vêm se dedican-

do ao estudo de ceticismo tanto em uma perspectiva histórica, examinando o ceticismo antigo, moderno e contemporâneo, quanto em uma perspectiva temática. Início: 04 de junho às 14:00h. Local: IUPERJ. Rua da Matriz, 82. Botafogo, Rio de Janeiro.

• Ciclo de Palestras. Sobre o Verbo Grego Ser
O prof. Charles Kahn (Universidade da Pennsylvania) vai expor, em agosto desse ano, na PUC- Rio, através de uma série de palestras, suas teses sobre o verbo *einai*. Organização do Departamento de Filosofia e do Núcleo de Estudos de Filosofia Antiga

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Coordenação Central de Extensão (CCE)

*Rua Marquês de São Vicente 225, casa XV
Gávea – 22453-900, Rio de Janeiro, RJ.
Tel. 529-9212; 529-9335; 2744148.
Fax 259-1642.
e-mail: mam@rdc.puc-rio.br.*

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Departamento de Filosofia

*Rua Marquês de São Vicente 225, 1149L,
Gávea – 22453-900, Rio de Janeiro, RJ.
Tel.: 529-9310; 239-4085
Fax: 239-4085
e-mail: filof@fil.puc-rio.br*

Anúncio

A Associação Nacional de Estudos Filosóficos do Século XVII e o Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG anunciam a realização do colóquio "A Filosofia do Século XVII e a Tradição", em Belo Horizonte, nos dias 27 a 30 de outubro de 1997.

Professores e alunos que desenvolvem pesquisa sobre temas pertinentes ao colóquio estão convidados a submeter propostas de comunicação e mesa-redonda (máximo de quatro pessoas reunidas em torno de um mesmo tema) à apreciação do Conselho Científico da Associação. As propostas devem ser individuais, ter entre oito e doze páginas (espaço duplo) e devem ser enviadas até o dia 31 de julho ao prof. José R. Maia Neto – Departamento de Filosofia – FAFICH – UFMG – Av. Antônio Carlos, 6627 – Caixa Postal 253 – 31270-901, Belo Horizonte, MG.

Face às dificuldades de obtenção de financiamento, os pesquisadores interessados em apresentar comunicações no colóquio devem buscar os recursos necessários para o custeio da passagem em seus respectivos estados. A organização do colóquio arcará com as despesas relativas à estadia em Belo Horizonte dos participantes cujas propostas houverem sido aceitas.

Outra informações poderão ser obtidas pelo telefone (031) 499-5083 ou pelo e-mail jрмаia@oraculo.lncc.ufmg.br ou jрмаia@brufing.bitnet.

Aos Colaboradores

- 1 As colaborações para esta revista devem ser enviadas em três cópias para o seguinte endereço:

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Filosofia
Rua Marquês de São Vicente 225, 1149L.
Gávea
22453-900, Rio de Janeiro, RJ.

- 2 Os artigos escritos em qualquer versão do *WinWord* poderão ser mandados em disquete (3.5"). Os demais devem ser datilografados ou impressos em espaço duplo, sem uso do verso do papel e, em princípio, devem constar de, no máximo, 30 laudas (30 linhas com setenta batidas por linha). A editoria se reserva o direito de, *excepcionalmente*, aceitar trabalhos que excedam esse limite.
- 3 Não há obrigatoriedade de que o artigo não tenha ainda sido publicado. Em caso de prévia publicação da colaboração que nos for enviada, solicitamos que seja citado o nome e data da publicação onde originalmente apareceu, e que haja a devida aceitação de seus editores.
- 4 Artigos em espanhol, francês e inglês serão aceitos.
- 5 Os autores serão informados sobre a aceitação de seus artigos (favor enviar endereço para contato). Essa aceitação, entretanto, não implica necessariamente na publicação no número seguinte ou em algum número determinado da revista. Sendo estritamente acadêmica, a revista [o que nos faz pensar] não tem como critério de publicação a ordem cronológica em que recebe ou aprova artigos.



Vol. 1

Platão - O Teatro das Idéias
Transcrição de Palestra proferida
na PUC-Rio em 1991

José Américo Motta Pessanha

Linearidade e Circularidade
na Dialética Platônica: O Método
Hipotético no *Fédon* e na *República*
Antonio Frederico Sarurnino Braga

Aspectos da Transposição Platônica
James Atéas

A Realidade do Mundo Físico
na Filosofia de Platão
Irley F. Franco

Filebo [36c-41a]: 1ª Espécie de Prazer Falso
Analogia ou Dependência
em Relação à Opinião
M.D. Cassan

Os Sentidos de Ser, a Relação $\pi\rho\acute{o}s\ \acute{\epsilon}\nu$
e a Estrutura Semântica de Proposições
Fernando Rodrigues

Vol. 2

A Relação entre o Não Ser como Negativo
e o Não Ser como Falso no *Sofista* de Platão
Maura Iglessias

Sobre a Noção de $\acute{\alpha}\lambda\eta\theta\epsilon\iota\alpha$ em Platão
(a tradução heideggeriana)
Paulo Pinheiro

Plato, Zeno, Parmênides, and Frege
Oswaldo Chateaubriand

Ações e Eventos em Aristóteles
Carlo Natali

Ciência e Metafísica nos Livros
A e B da *Metafísica* de Aristóteles
Marcelo de Araujo
O Postulado de Parmênides
enquanto Contraditório da *Física*
e Ponto de Partida da *Metafísica* de Aristóteles
Miguel Spinelli

